

Ao companheiro menos categorizado, não ordene: — *"Faça isso!"*

Indelicadeza no trabalho, ditadura ridícula.

*

Perante o doente, não exclame: — *"Pobre coitado!"*

Compaixão desatenta, crueldade indireta.

*

Ao vizinho faltoso, nunca diga: — *"Dispenso-lhe a amizade."*

Todos somos interdependentes.

*

Sob o clima da provação, não se queixe: — *"Não suporto mais!"*

O fardo do espírito gravita na órbita das suas forças.

*

No cumprimento do dever, não clame: — *"Estou sozinho."*

Ninguém vive desamparado.

*

Colhido pelo desapontamento, não reclame: — *"Que azar!"*

A Lei Divina não chancela imprevistos.

*

À face do ideal, não se lastime: — *"Ninguém me ajuda."*

No Espiritismo temos responsabilidade pessoal com o Cristo.

ANDRÉ LUIZ

Carta a meu Filho

Cap. XIV — Item 9

Meu filho, dito esta carta para que você saiba que estou vivo.

Quando você me estendeu a taça envenenada que me liquidou a existência, não pensávamos nisso.

Nem você, nem eu.

A ideia da morte vagueava longe de mim, porque esperava de suas mãos apenas o remédio anestesiante para a minha enxaqueca.

Entendi tudo, porém, quando você, transtornado, cerrou subitamente a porta e exclamou com frieza:

— Morre, velho!

As convulsões que me tomavam de improviso, traumatizavam-me a cabeça...

Era como se afiada navalha me cortasse as vísceras num braseiro de dor.

Pude ainda, no entanto, reunir minhas forças em suprema ansiedade e contemplar você, diante de meus olhos.

Suas palavras ressoavam-me aos ouvidos: — "morre, velho!"

Era tudo o que você, alterado e irreconhecível, tinha agora a dizer.

Entretanto, o amor em minha alma era o mesmo.